

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON-LINE)

DEZEMBRO / 2019

A PERGUNTA PELO “SER” E O CONCEITO DE “LOGOS” EM HEIDEGGER

Dr. Claiton André Kunz

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON-LINE)
DEZEMBRO / 2019

A PERGUNTA PELO “SER” E O CONCEITO DE “LOGOS” EM HEIDEGGER

The question for “Being” and the concept of “Logos” in Heidegger

Dr. Claiton André Kunz¹

¹ O autor é graduado em Teologia e Filosofia, mestrado e doutorado em Teologia (ênfase em Bíblia). Professor e diretor da Faculdade Batista Pioneira e professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br.

RESUMO

A pergunta pelo “ser”, ou o que é “ente”, é uma das mais antigas questões que perpassa toda a história da humanidade, especialmente da filosofia grega antiga. Como a pergunta pela ontologia fundamental foi preterida em algum momento da História, Martin Heidegger, um dos mais influentes filósofos do século XX, recolocou-a em seu devido lugar. O presente ensaio é uma tentativa de visitar esta preocupação de Heidegger.

ASBTRACT

The question of “being”, or “what is being?”, is one of the oldest questions that permeates the entire history of Humanity, especially ancient Greek philosophy. As the question of fundamental ontology was passed over at some point in history, Martin Heidegger, one of the most influential philosophers of the 20th century, put it back in its place. The present essay is an attempt to revisit Heidegger’s concern.

270

Τί τὸ ὄν (que é ente?) foi a pergunta feita pelo primeiro filósofo do ocidente: Thales de Mileto. Esta também foi a pergunta fundamental da filosofia na Grécia e na filosofia medieval. Entretanto, desde Descartes, parece ter se dado maior importância para a pergunta pela possibilidade do conhecimento. Dito de outra forma, parece que o problema epistemológico teve maior interesse do que o problema ontológico, a Teoria do Conhecimento se colocou adiante da Metafísica.²

Como afirmou Heidegger: “a questão (do ser) aqui evocada caiu no esquecimento”.³ A pergunta que havia inspirado Platão

² REYNA, Alberto Wagner de. La ontologia fundamental de Heidegger: su motivo e su significación. Buenos Aires: Losada, 1939, p. 21.

³ HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 37.

e Aristóteles emudeceu, ao menos como uma questão temática de real investigação.

Esta postura a respeito do problema do ser, é denunciada por Heidegger a partir de três preconceitos. O primeiro preconceito é pensar que “ser’ é o conceito mais universal”. Heidegger cita então a *Metafísica* de Aristóteles, na qual se lê: τὸ ὄν ἐστὶ καθόλου μάλιστα πάντων.⁴ A universalidade do ser transcende toda universalidade genérica. Embora ele não tenha esclarecido o assunto, ao menos o coloca em uma nova base. Entre os medievais, a questão não progrediu muito, e Hegel permanece na mesma direção da ontologia antiga, somente removendo a unidade do ser (de Aristóteles), substituindo-a pela multiplicidade das categorias reais. Assim, o conceito “ser” está longe de ser o mais claro e de poder prescindir de qualquer debate. Muito pelo contrário: é o mais obscuro.

O segundo preconceito é o de que ‘ser’ é indefinível. Heidegger lembra que “o ‘ser’ não pode ser determinado atribuindo-lhe um ente”. Cita Pascal que é taxativo: “para definir o ser seria preciso dizer ‘é’, e assim empregar a palavra definida para a sua própria definição”.⁵ Assim, parece ser impossível explicar o ‘ser’ a partir de conceitos superiores ou inferiores. Poderia-se concluir, então, que a impossibilidade de definir o ser nos desobrigaria da busca pelo seu sentido. Mas é justamente o contrário: é isso que exige essa busca.

Finalmente, o terceiro preconceito apresentado por Heidegger é o de acreditar que o ‘ser’ é o conceito evidente por si mesmo. Em qualquer enunciado usa-se o ‘ser’, parecendo simples a sua compreensão. Qualquer um entende quando se diz, por exemplo, ‘a casa é grande’. Mas é justamente essa compreensão comum que demonstra a sua incompreensão. Vive-se entre esta compreensão habitual do ser e a sua obscuridade (cf. preconceito um acima). Assim, demanda-se novamente a questão sobre o

⁴ “Uma compreensão de ser já está sempre incluída em tudo que se apreende no ente”.

⁵ *Apud* HEIDEGGER, 2008, p. 39.

sentido do ‘ser’.⁶

Para Heidegger, estes problemas mostram que não há uma resposta para a questão, bem como que a questão precisa ser primeiramente melhor colocada. Como se trata de uma questão fundamental, seu questionamento precisa da devida transparência. E, para começar, é necessário esclarecer o que faz parte de uma questão, para então *colocar* a questão do ser.⁷

Três momentos podem ser distinguidos: há o que é perguntado (*das Erfragte*), ou seja, o que orienta e motiva a investigação na ocorrência o sentido do próprio ser; há, na sequência, o que é questionado (*das Gefragte*), ou seja, aquilo sobre que se faz a investigação, na ocorrência do ser; há, por fim, o que é interrogado (*das Befragte*), ou seja, o que constitui o ponto de partida da investigação e fornece uma via de acesso ao que é propriamente inquirido, que neste caso é o ente.⁸

Heidegger afirma que chamamos muitas coisas de *ente* e o fazemos em sentidos diversos. “Ente é tudo o que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado”. É o que Heidegger denomina de *Vorhandenheit*. É preciso porém determinar com cuidado qual é o ente que deve servir de modelo para a questão do ser. Existiria algum ente que tenha o primado nesta questão e em que sentido ele teria este primado? A escolha de Heidegger assenta no ente que põe a questão do ser, ou seja, o ente que nós próprios somos, e que ele designa de *Dasein*.⁹

Desta forma, o esforço de Heidegger em “O Ser e o Tempo” é manifestar o sentido do ser, analisando antes de tudo o ser que

⁶ HEIDEGGER, 2008, p. 39.

⁷ HEIDEGGER, 2008, p. 39.

⁸ BOUTOT, Alain. Introdução à filosofia de Heidegger. Portugal: Publicações Europa-América, 1993, p. 28.

⁹ HEIDEGGER, 2008, p. 42. Embora a tradução utilizada faça uso do termo “presença” como tradução de *Dasein*, preferiu-se simplesmente utilizar o termo original, sem entrar na discussão, por não ser tema central da presente pesquisa.

compreende o ser, isto é, o ente que nós somos (*Dasein*). Heidegger denomina de “analítica existencial” a análise preliminar do *Dasein*. Para ele, o *Dasein* possui um modo de ser original que o distingue de todos os outros entes (inanimados, coisas materiais, ou mesmo outros seres vivos), que são indiferentes ao seu ser. O *Dasein* reporta-se sempre ao ser que é o seu, e assim não apenas simplesmente *subsiste*, mas *existe*.¹⁰

Deve-se, portanto, procurar na analítica existencial do *Dasein*, a ontologia fundamental, de onde todas as demais podem originar-se.¹¹

O *Dasein* tem sobre os demais entes um triplo primado (ou prioridade). Primeiramente o primado ôntico: o *quem* da pergunta ontológica é o melhor meio para chegar ao ser e seu sentido. O *Dasein* tem uma relação com seu ser; nenhum outro ente se comporta frente ao ser ou tem uma referência imediata a ele. Ao ser perguntado por seu ser pode dar alguma informação, já que sua maneira de ser consiste em ter uma relação com o ser. O segundo primado é *ontológico*: o *Dasein* é ontológico, ou seja, ele é o único que sabe de seu ser e do ser em geral. Ele é o único que conhece o que é ser, e, portanto, é lógico que pergunte a si mesmo sobre o ser. O *Dasein* não tem somente uma relação ôntica diante do ser, mas também ontológica, pois o conhece. Finalmente, o terceiro primado é o ôntico-ontológico: o *Dasein* é a condição de possibilidade de todas as ontologias, pois somente o *Dasein* é ontológico e se não existisse não haveriam outras ontologias. O conhecimento do *Dasein* é onticamente necessário como condição fáctica das ontologias, e também ontologicamente, pois somente com seu conhecimento se obtém as características da condição ontológica das ontologias.¹²

Heidegger conclui, portanto, a analítica ontológica do *Dasein* em geral constitui a *ontologia fundamental*, e que, desse

¹⁰ BOUTOT, 1993, p. 29.

¹¹ HEIDEGGER, 2008, p. 49.

¹² REYNA, 1939, p. 43-44.

modo, o *Dasein* se apresenta como o ente a ser primeiramente interrogado em seu ser.¹³

Para auxiliar nesta compreensão, propõe-se um estudo do conceito *Logos*, fundamental na filosofia heideggeriana. Segundo Heidegger, λόγος pode assumir diversos significados, e não possuindo um conceito básico para orientação, pode acabar por perder-se em diversas direções. Por exemplo, quando se atribui ao λόγος o significado básico “*fala*”, essa tradução só terá valor ao se determinar o que é uma *fala*. As diversas traduções atuais para λόγος, como “razão, juízo, conceito, definição, fundamento, relação ou proporção”, acabam encobrendo o sentido próprio de *fala*. Desta forma, Heidegger pergunta de que forma, na linguagem científica, um termo poderia modificar-se tanto, significando tudo isso. Mesmo que uma destas traduções possa ser aparentemente correta, não deveria deixar de fora o significado básico da palavra.¹⁴

274

Como *fala*, λόγος revela aquilo de que trata a *fala*. É neste sentido que Aristóteles o considera como ἀποφαίνεσθαι, ou seja, ele “deixa e faz ver (φαίνεσθαι) aquilo sobre o que se discute e o faz para quem fala e para todos aqueles que falam uns com os outros”.¹⁵ A preposição ἀπό determina que a *fala* “deixa e faz ver” a partir daquilo sobre o que fala. Ou seja, ela retira o *que* diz daquilo sobre o que fala, de tal forma que revele aquilo sobre o que fala.

Heidegger afirma ainda que, pelo fato de que o λόγος é um deixar e fazer ver, é que ele pode ser verdadeiro ou falso. Entretanto, Heidegger adverte que “verdade” e “ser verdadeiro ou falso” são fenômenos totalmente diferentes.¹⁶

¹³ HEIDEGGER, 2008, p. 51.

¹⁴ HEIDEGGER, 2008, p. 71.

¹⁵ HEIDEGGER, 2008, p. 72.

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. La pregunta por la verdad. Trad. J. Alberto Ciria. Madrid: Alianza, 2004, p. 109.

Aqui verdadeiro não é primeiramente o sentido de “concordância”, mas sim de “ser verdadeiro” (ἀληθεύειν) no sentido de retirar o ente sobre quem se fala do seu velamento, ou seja, “descobrir”.¹⁷ Descobrir, não no sentido de tirar alguma coisa pela primeira vez para a luz, mas sim de desvelar algo que ainda está velado ou que voltou a estar velado. Pode ser também “desvelar novamente”, ou seja, descobrir o que até agora estava oculto ou que voltou a estar oculto.¹⁸

Da mesma forma, ser falso (ψεύδεσθαι) diz respeito a enganar no sentido de *encobrir*, ou seja, colocar uma coisa na frente de outra, propondo-a como algo que ela não é.¹⁹ Afirma ainda que pode ter o sentido de “confundir”, ou seja, colocar alguém diante daquilo que ele crê que se lhe dá a ver, uma coisa diferente que apenas parece ser igual. Assim, o falar que pode *descobrir*, pode também desfigurar, ou em outras palavras, pode “ocultar”.²⁰

Ele se baseia na seguinte declaração de Aristóteles: ἔστι δε λόγος ἅπας μὲν σημαντικός, [...] ἀποφαντικός δὲ οὐ πᾶς, ἀλλ' ἐν ᾧ τὸ ἀληθεύειν ἢ ψεύδεσθαι ὑπάρχει. Na tradução de Heidegger: “Ainda que todo falar remete a algo (significa algo em geral) mostrando, pelo contrário nem todo falar faz ver, mas somente aquele no qual acontece o ser verdadeiro ou ser falso (como modo de falar)”.²¹

Para Aristóteles, a cada proposição (λόγος) corresponde a alternativa de ser verdadeiro ou falso. Se uma proposição é verdadeira, ela o é porque também pode ser falsa.

Entretanto, Heidegger, citando Aristóteles, lembra que “nem em todos os modos de falar está presente o ser verdadeiro ou falso; assim, por exemplo, pedir é um falar, mas em si nem

¹⁷ HEIDEGGER, 2008, p. 72.

¹⁸ HEIDEGGER, 2004, p. 111.

¹⁹ HEIDEGGER, 2008, p. 73.

²⁰ HEIDEGGER, 2004, p. 111.

²¹ HEIDEGGER, 2004, p. 109.

verdadeiro e nem falso”.²² Além deste exemplo, uma multiplicidade de outros modos de falar, como desejos, ordens, perguntas, encaixam-se na mesma categoria, ou seja, de não se enquadrarem em conceitos de ser verdadeiros ou falsos. Heidegger afirma, então, que não são enunciados, porque não podem ser verdadeiros e nem falsos.²³

Mas a proposição (λόγος) se determina como enunciado a partir do descobrir (ἀληθεύειν) e do ocultar (ψεύδεσθαι). A essência da proposição é, portanto, a ἀποφαίνεσθαι, ou seja, fazer ver um ente, a partir de si mesmo (ἀπό). Sobre isto, Heidegger apresenta três diferentes aspectos do λόγος como ἀποφαντικός:²⁴

a) **Exposição:** a possibilidade distintiva de falar consiste em fazer ver, ou de acordo com sua etimologia, trazer algo a visão. De uma forma simples, ἀπόφανσις significa enunciado, mais precisamente “exposição”. Enunciado significa dizer a partir da própria coisa, de modo que neste discurso o seu “acerca de que” se faça visível, acessível à captação. No enunciado expresso, a própria coisa mostrada se faz acessível.

b) **Determinação:** um enunciado também se toma como predicação, ou seja, como um enunciado de um “predicado” de um sujeito. Sujeito é aquele de quem se dá uma determinação. Assim, enunciado passa aqui a ter o sentido de “determinar”. Aqui há uma relação com o primeiro sentido, pois determinar é sempre fazer ver algo.

c) **Comunicação:** um enunciado pode significar também o mesmo que comunicação, ou seja, uma expressão no sentido de pronúncia. Este significado tem relação com o primeiro e, através dele, com o segundo. Porém a diferença do primeiro significado é que não se quer assinalar tanto o mostrar uma coisa,

²² HEIDEGGER, 2004, p. 109. Nas palavras de Aristóteles: οὐκ ἐν ἅπασιν δὲ ὑπάρχει, οἷον ἢ εὐχὴ μὲν, ἀλλ' οὔτ' ἀληθείης οὔτε ψευδῆς.

²³ HEIDEGGER, 2004, p. 109.

²⁴ HEIDEGGER, 2004, p. 112-113.

o mostrar como tal, mas a comunicação de uma coisa enquanto é mostrada.

Uma ἀπόφανσις é um enunciado nos três sentidos, isto é, os três significados não são significados terminológicos do título “enunciado”, mas cada um se refere a um momento estrutural determinado do λόγος. Os aspectos distintivos do enunciado, como exposição, como determinação e como comunicação, são indicações específicas para a investigação do próprio fenômeno.

Heidegger afirma ainda que o poder ser verdadeiro e poder ser falso, que caracterizam o enunciado, tem de estar construídos em sua possibilidade sobre uma mesma estrutura do λόγος.²⁵ Pergunta então: qual é no λόγος a condição estrutural para que possa ser falso? A resposta dará, com certeza, ao mesmo tempo, um esclarecimento sobre a condição de possibilidade da verdade própria do enunciado, do descobrir próprio do enunciado.

Aristóteles afirmou que o ocultamento é sempre (como tal) um “compor”. O discurso ocultador nunca é um discurso que não compõe acerca de algo. Ou seja, onde existe ocultar, existe necessariamente um “compor” na estrutura do enunciado. Ao mesmo tempo, também pode-se dizer que onde existe o descobrir (ἀληθεύειν), existe necessariamente um compor.²⁶ Este compor é chamado de συνθέσει. A síntese é o fundamento para a falsidade e a verdade, e isto significa uma verdade em cujo lugar também pode estar a falsidade, ou seja, a verdade do enunciado.²⁷

Por outro lado, a tudo pode-se chamar também de decomposição, ou seja, toda síntese é também uma διαίρεσις. Assim, onde se trata propriamente do λόγος como enunciado, Aristóteles pode resumir da seguinte forma: “o ocultamento, igual ao descobrimento, está sempre no campo do compor e do descompor”.²⁸

²⁵ HEIDEGGER, 2004, p. 114.

²⁶ Mas nem todo descobrir compõe, mas apenas o descobrir enunciativo (HEIDEGGER, 2004, p. 114).

²⁷ HEIDEGGER, 2004, p. 114.

²⁸ HEIDEGGER, 2004, p. 115.

Heidegger afirma que a partir disto resulta que a σύνθεσις (síntese, também chamada de enlace) é condição de possibilidade do descobrir (verdade) e a διαίρεσις (separar) é a condição de possibilidade do ocultar (falsidade). Portanto, estes dois aspectos é que possibilitam o caráter distintivo da proposição: poder ser verdadeiro ou falso.²⁹

REFERÊNCIAS

BOUTOT, Alain. **Introdução à filosofia de Heidegger**. Portugal: Publicações Europa-América, 1993. 136 p.

BRANDOM, Robert. **Heidegger’s categories in being and time**. In: DREYFUS, Hubert; HALL, Harrison. **Heidegger: a critical reader**. Oxford: Blackwel, 1992. p. 45-64.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008. 2 v.

HEIDEGGER, Martin. **Sein und Zeit**. 7.ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1953. 437 p.

HEIDEGGER, Martin. **La pregunta por la verdad**. Trad. J. Alberto Ciria. Madrid: Alianza, 2004. 328 p.

HEIDEGGER, Martin. **Die Frage nach der Wahrheit**. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1976. 418 p.

HEIDEGGER, Martin. **Los problemas fundamentales de la fenomenología**. Trad. e prólogo de Juan José García Norro. Madrid: Trotta, 2000. 402 p.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência do fundamento: a determinação do ser do ente segundo Leibniz**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971. 125 p.

²⁹ HEIDEGGER, 2004, p. 115.

HEIDEGGER, Martin. **The metaphysical foundations of logic**. Trad. Michael Heim. Indianapolis: Indiana University Press, 1984. 241 p.

REYNA, Alberto Wagner de. **La ontologia fundamental de Heidegger**: su motivo e su significación. Buenos Aires: Losada, 1939. 136 p.

